

## ARTIGO

### **“‘NEGO’ ERA ‘BARATO’ PERTO DO QUE ELES DIZIAM”: MEMÓRIAS DE DISCRIMINAÇÃO DE EX-FUTEBOLISTAS NEGROS QUE ATUARAM NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

CHRISTIAN FERREIRA MACKEDANZ

Doutor em Educação Física pela UFPel  
Técnico Administrativo em Educação na mesma instituição  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7024-812X>

GEORGINA HELENA LIMA NUNES

Doutora em Educação pela UFRGS  
Professora da Faculdade de Educação da UFPel  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4676-4861>

LUIZ CARLOS RIGO

Doutor em Educação pela UNICAMP  
Professor da Escola Superior de Educação Física da UFPel  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9586-0182>

**RESUMO:** O racismo no futebol é um tema atual de interesse internacional. Nesse sentido, esta pesquisa procurou analisar, por meio da História Oral temática, as memórias de ex-futebolistas negros que atuaram em clubes das cidades de Pelotas e Rio Grande a partir da segunda metade do século XX. Os resultados indicaram que o racismo se manifestou pelo menos de duas formas: uma explícita, com xingamentos das torcidas que ocorriam em qualquer região do estado, mas eram mais intensas em regiões de forte imigração europeia; e outra mais sutil e dissimulada, identificada pelas poucas oportunidades que os ex-futebolistas negros recebem nas áreas técnica e executiva. Concluiu-se que o futebol não é uma área imune às tensões raciais presentes na sociedade brasileira, mas um espaço no qual coexistem movimentos simultâneos de inclusão e exclusão de negros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol. Racismo. História Oral. Discriminação.

## **“THE N-WORD WAS NOTHING WHEN COMPARED TO WHAT THEY USED TO SAY”:**

MEMORIES OF FORMER BRAZILIAN FOOTBALL PLAYERS OF AFRICAN HERITAGE WHO PLAYED IN THE INTERIOR OF RIO GRANDE DO SUL FROM THE SECOND HALF OF THE 20TH CENTURY

**ABSTRACT:** Racism in football is a current topic of international interest. In this sense, this research sought to analyze, through thematic oral history, the memories of former Brazilian football players of African heritage who worked for football clubs based in the cities of Pelotas and the Rio Grande from the second half of the 20th century. The results indicated that racism manifested itself in two ways: one explicit, with cursing from the fans, which occurred in any region of the state, but which were more intense in regions with strong European immigration; and another more subtle and underhanded, identified by the few opportunities that former Brazilian football players of African heritage receive in the technical and executive areas. The conclusion points out that football is not an area immune to racial tensions present in Brazilian society, but it is a space in which movements of inclusion and exclusion of Afro-Brazilians coexist.

**KEYWORDS:** Football. Racism. Oral History. Discrimination.

Recebido em: 06/10/2022

Aprovado em: 23/01/2023

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2023v76p324-350>



## Introdução

O futebol tem estabelecido, desde as primeiras décadas do século XX, uma relação ambígua com a população negra brasileira. Ainda que muitos craques sejam negros, esses futebolistas têm enfrentado uma série de barreiras e/ou constrangimentos e muitos deles foram excluídos dos grandes clubes nacionais (PEREIRA, 1998; SANTOS, 2018).

Em decorrência do protagonismo de alguns negros nas conquistas das Copas do Mundo, construiu-se um discurso de que o futebol brasileiro era um exemplo de inclusão racial que, em certa medida, refletiria mudanças de uma sociedade do pós-abolição (SOUZA, 2019; TONINI, 2020).

Tais premissas traduzem perspectivas ideológicas de uma anunciada democracia racial presente na obra de Gilberto Freyre (2003), publicada na década de 1930. Tal ideologia defendia que a colonização portuguesa efetivara um tipo de escravidão mais branda que, por consequência, teria tornado o Brasil do pós-abolição uma sociedade na qual os resquícios escravistas não continuariam a potencializar duradouras discriminações raciais. Alguns pesquisadores estadunidenses, especialmente Pierson (1971), nas décadas seguintes, fizeram estudos sobre o racismo no Brasil e, ao não encontrarem o mesmo tipo de ódio racial presente nos Estados Unidos (EUA), corroboraram as ideias de Freyre (GUIMARÃES, 2004).

A partir dos anos 1950 a propalada democracia racial foi duramente criticada e contestada por Fernandes (1965), para o qual a democracia racial era um mito. Por sua vez, Nogueira (2006), em 1955, ressaltou que nos EUA existia um racismo cujo preconceito era de “origem”, enquanto no Brasil ele era de “marca”. Dentre as várias diferenças apontadas pelo autor, destaca-se que o preconceito de marca e o de origem, respectivamente, atuam sobre o critério de preterição e definição: o primeiro, sob a lógica da preterição, utiliza-se do fenótipo ou da aparência social como critério para definir quem é pertencente ao grupo discriminado, enquanto o segundo, preconceito de origem, atua por meio da exclusão dos membros do grupo familiar e utiliza a origem como critério de definição dos lugares racial e socialmente ocupados.

No final da década de 1970, Hasenbalg (2005) ressalta a tese de que a raça é um elemento de discriminação que antecede e extrapola a classe social,

enquanto a herança racial, por consequência, determina sucessivas gerações, lugares sociais hierarquizados.

À esteira desse processo de herança geracional, corpos socialmente racializados, no século XXI, atrelam às suas práticas sociais relações que perpassam o latente conflito racial, ora atenuado pelas lutas sociais dos movimentos negros organizados, ora exacerbado pela norma invisível da hegemonia branca que organiza a vida cotidiana como política de raça, política de extermínios simbólicos e físicos.

O esporte, em especial o futebol, é parte dessa política na medida em que, para uma grande maioria de crianças negras, ainda é o espaço exclusivo da esperança. O mito da democracia ainda camufla essa condição como “escolha” e, junto à expectativa de brilhar nos gramados, soma-se à persistência de episódios que metaforizam as teorias racialistas por meio de mímicas, gestualidades, objetos e disparos de toda forma de violência desautorizada pelos princípios moral, ético e legal autorizados pela imperiosa necessidade de perpetuar as redes de poder soberano sobre as quais o racismo sustenta-se.

Nessa lógica, “discursos de verdade acerca da natureza, da especificidade e das formas de vida, das qualidades, traços e características dos seres humanos, de populações inteiras diferenciadas em termos de espécies, gêneros ou raças”, protagonizam formas de classificação racial que fazem do negro “protótipo de uma figura pré-humana incapaz de escapar de sua animalidade” (MBEMBE, 2018, p. 40-41).

No que concerne, especificamente, ao racismo no futebol brasileiro, nos último anos acompanhamos a publicação de um série de estudos (ABRAHÃO, 2010; BANDEIRA; SEFFNER, 2016; CAVALCANTI; CAPRARO, 2009; SOUZA et al., 2015; GIGLIO et al., 2014; LISE et al., 2015; SANTOS, 2014).<sup>1</sup> Todavia a maior parte destes tende a priorizar casos que envolvem futebolistas dos grandes clubes e poucas ainda são as pesquisas que tratam do racismo no futebol nos clubes

---

<sup>1</sup> Outra importante referência aos estudos do racismo no futebol brasileiro é o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, entidade que desde 2014 publica Relatórios Anuais da Discriminação Racial no Futebol. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>. Acesso em: 12/04/2021.

menores.<sup>2</sup> Nesse sentido, esta pesquisa procurou analisar as memórias de ex-jogadores negros que atuaram no futebol pelotense e rio-grandino na segunda metade do século XX e no início do século XXI.

A delimitação geográfica (Pelotas e Rio Grande) deu-se por as cidades escolhidas terem uma significativa presença negra,<sup>3</sup> relação que começou no período da escravatura (TORRES, 2008; GUTIERREZ, 1999). Após a abolição essa população criou, nessas duas cidades, uma rede própria de associações, jornais e clubes, inclusive de futebol,<sup>4</sup> formando uma rede de sociabilidade específica que a ajudou a resistir ao racismo do pós-abolição (MACKEDANZ, 2016; LONER, 1999).

As duas cidades também têm em comum a forte tradição no futebol. Em Rio Grande o Sport Club Rio Grande, além de ter sido campeão Estadual em 1936, é considerado o clube de futebol mais antigo do país em atividade (fundado em 19 de julho de 1900). Outros clubes da cidade que também conquistaram o campeonato estadual foram o Sport Club São Paulo (fundado em 1908), campeão em 1933, e o Football Club Riograndense (fundado em 1909), campeão em 1939 (CORREIA et al., 2020). Em Pelotas o Grêmio Esportivo Brasil (fundado em 1911) conquistou o primeiro campeonato gaúcho da história, em 1919, o Esporte Clube Pelotas (fundado em 1908) foi o campeão de 1930 e o Grêmio Atlético Farroupilha<sup>5</sup> (fundado em 1926) foi campeão estadual em 1935 (RIGO, 2004).

No final do Império as receitas arrecadadas nas cidades de Pelotas e Porto Alegre praticamente se equiparavam, mas ao longo do século XX Pelotas e a região sul do Rio Grande do Sul tiveram uma queda econômica acentuada (MAGALHÃES, 1993). Esta alteração econômica alcançou também

---

<sup>2</sup> Um pouco diferente dos estudos anteriormente citados é a pesquisa de Tonini (2010), que analisou as memórias de jogadores, treinadores e árbitros negros que atuaram no futebol brasileiro entre 1970 e 2010, e a de Florenzano (2019), que investigou o racismo de uma parte da imprensa nacional contra Pelé quando ele decidiu se aposentar da seleção brasileira em 1974. Para um levantamento sistematizado de artigos que tratam do racismo no futebol brasileiro, consultar o artigo de revisão sistemática de Mackedanz et al. (2021).

<sup>3</sup> No ano de 2010 Pelotas possuía uma população total de 328.275 habitantes, sendo que 35.049 eram pretos e 28.245 eram pardos, e Rio Grande possuía uma população de 197.228 habitantes, com 16.834 pretos e 21.406 pardos (IBGE, 2012).

<sup>4</sup> O protagonismo da população negra no futebol na época possibilitou a criação da Liga José do Patrocínio na cidade de Pelotas, uma liga específica para clubes de futebolistas negros que vigorou de 1919 até a década de 1930 (MACKEDANZ et al., 2021), ocorrendo algo similar em Rio Grande com a fundação de agremiações futebolísticas negras como o Sport Club Rio Negro e o Sport Club Bangú (MACKEDANZ; RIGO, 2021).

<sup>5</sup> Na época o clube se chamava Grêmio Atlético 9º Regimento de Infantaria.

o futebol, que continuou a ocupar um lugar de destaque, mas inferior ao que ocupava na primeira metade do século XX.<sup>6</sup>

Este estudo utilizou-se da História Oral, um método de pesquisa “que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto estudado” (ALBERTI, 2013, p. 24). Neste estudo predominou o uso da História Oral temática, ou seja, as entrevistas centram-se nas experiências futebolísticas dos narradores, principalmente no tema do racismo no futebol (MEIHY; HOLANDA, 2013, pp. 38-40).

A opção metodológica em parte se justifica pela quase inexistência de outras fontes que atribuam maiores visibilidades a esses futebolistas negros infames,<sup>7</sup> mas, ao tomar as narrativas dos entrevistados como fontes legítimas, almejamos “produzir estratégias capazes de permitir o entendimento além das informações” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 31). Todavia, “a lembrança não é a imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida” (CANDAUI, 2011, p. 65), ou seja, as memórias dos entrevistados não são a realidade em si, mas as representações dessa realidade (MONTENEGRO, 1997; 2010).<sup>8</sup>

A pesquisa observou as etapas e os procedimentos previstos por Meihy e Holanda (2013). Pela proximidade existente entre Pelotas e Rio Grande e pelo fato de os futebolistas “rodarem” (RIAL, 2008) por diferentes clubes e cidades optamos pela constituição de uma única rede de narradores.

A escolha dos componentes da rede teve como critério comum de inclusão o fato de todos os narradores serem ex-futebolistas negros que atuaram em clubes profissionais das cidades de Rio Grande e Pelotas. A rede começou pelo ponto zero, com uma entrevista exploratória com o ex-futebolista Ubiraci Souza de Souza, conhecido como Bira, uma referência do

---

<sup>6</sup> Um acontecimento futebolístico marcante dessa região na segunda metade do século XX foi a classificação do G. E. Brasil em 3º Lugar no Campeonato Brasileiro de 1985, eliminando o C. R. Flamengo do RJ na fase de quarta de final.

<sup>7</sup> Em *A Vida dos Homens Infames* (2009) Foucault utiliza o termo “infames” para tratar de criminosos não famosos, indivíduos desconhecidos cujas vidas costumavam ser contadas em poucas linhas e sobre os quais havia escassos registros. Adaptamos tal termo aqui para esses futebolistas que muitas vezes têm suas carreiras ignoradas pelos grandes noticiários esportivos, mais interessados nos clubes da primeira divisão.

<sup>8</sup> Entre outros estudos que fizeram uso da História Oral para investigar o futebol brasileiro estão os de Rigo (2004) e Holanda (2017).

futebol da Zona Sul na década de 1980, e englobou outros cinco ex-futebolistas.

Inicialmente a pesquisa trataria somente de questões referentes às carreiras de futebolistas, porém, após interagirmos com os nossos entrevistados, percebemos a importância de também problematizarmos questões referentes ao treinador e ao dirigente negro, funções exercidas por quatro entrevistados.

Similar ao que sugerem Meihy e Holanda (2013), após cada entrevista solicitou-se que o entrevistado indicasse outros possíveis narradores. O ponto de saturação da rede deu-se ao diagnosticarmos que as entrevistas não estavam mais trazendo contribuições novas para a pesquisa (MEIHY, 1998).

No Quadro 1 e nas respectivas notas de rodapé de cada entrevistado apresentamos alguns componentes das biografias dos nossos seis narradores.

Quadro 1 – Alguns componentes biográficos dos narradores.

Nome do narrador	Tempo de carreira como futebolista	Clubes profissionais de Pelotas	Clubes profissionais de Rio Grande	Outras funções
Oscar <sup>9</sup>	1957 a 1968	-	SC São Paulo FBC Riograndense	Treinador e Presidente
Bira <sup>10</sup>	1983 a 1998	GE Brasil (1983-1985; 1995) GA Farroupilha (1998)	-	-
PC <sup>11</sup>	1986 a 2008	GA Farroupilha (2003-2005)	SC São Paulo (1989; 1995) SC Rio Grande (2008)	Treinador
Miro <sup>12</sup>	1998 a 2013	GE Brasil (1998-1999; 2001-2002) GA Farroupilha (2000; 2004-2006; 2013)	SC São Paulo (2003) SC Rio Grande (2011-2012)	-
Cirilo <sup>13</sup>	2000 a 2017	GE Brasil (2000-2002; 2012-2017) GA Farroupilha (2003) SC Pelotas (2009)	SC São Paulo (2011-2012)	Auxiliar, Técnico e Treinador
Ney Gaúcho <sup>14</sup>	2004 a 2014	SC Pelotas (2004) GA Farroupilha (2006; 2010)	-	Treinador

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

<sup>9</sup> Oscar Conceição, natural de Florianópolis (SC), começou a jogar no juvenil do Figueirense FC (SC) e disputou algumas partidas profissionais por esse clube e pelo Bocaíúva FC (SC). Após, ingressou na Marinha do Brasil, concluiu sua formação e foi designado para trabalhar na cidade de Rio Grande (RS), onde jogou no SC São Paulo (RS) e no FBC Riograndense (RS), clube no qual também exerceu as funções de treinador e de presidente. A entrevista com Oscar durou aproximadamente 40 minutos e foi realizada de forma presencial no dia 14 de janeiro de 2021 (OSCAR, 2021).

<sup>10</sup> Ubiraci Souza de Souza (Bira), natural de Pelotas (RS), começou sua carreira no GE Brasil (RS). Fora de Pelotas, jogou no Grêmio FBPA (RS), no EC Vitória (BA), no AA Inter de Limeira (SP), no SC Beira Mar e no Caldas SC, esses dois últimos sendo de Portugal. Bira conquistou uma grande popularidade na cidade de Pelotas, principalmente por ter sido o autor de um dos gols do GE Brasil na vitória por 2 a 0 contra o CR Flamengo (RJ) em 1985, a qual levou o GE Brasil a conquistar o inédito 3º lugar no campeonato brasileiro de 1985. A entrevista durou aproximadamente 75 minutos e foi realizada de forma presencial no dia 12 de maio de 2020 (BIRA, 2020).

<sup>11</sup> Paulo Cesar de Freitas Leal (PC) é natural de Rosário do Sul (RS) e começou sua carreira de futebolista na A. Rosário F. (RS). Como futebolista profissional, rodou por vários clubes do interior do Rio Grande do Sul, como: SC São Paulo, EC Inter SM, EC Cruzeiro de POA, GE São José, EC São Gabriel e GA Farroupilha. Em 2009 foi treinador do GA Farroupilha e do GE Sapucaense, em 2010 foi auxiliar técnico do Goiás EC e atualmente trabalha na Secretaria de Esportes de Rosário do Sul. A entrevista durou aproximadamente 68 minutos e foi realizada por videochamada no dia 23 de outubro de 2020 (PC, 2020).

<sup>12</sup> Claudiomiro Vargas Coelho (Miro) é natural de Pelotas (RS) e começou sua carreira em 1998 no GE Brasil (RS). Jogou também nos seguintes clubes do interior do Rio Grande do Sul: SC São

## Discriminação e racismo no campo e nas arquibancadas

Nossos narradores lembraram que a maior parte dos discursos e das práticas racistas, independentemente da época em que jogaram, aconteceu durante os jogos. Oscar contou que lá pelos anos de 1960:

[...] fui buscar a bola pra bater o lateral. Aí um garoto, moço já, disse assim: “Aí nego não sei o quê”. Entendesse? Então vou te chamar de branco. “E aí branco?”. Pronto, chamei ele de branco e saí. O que que eu vou fazer, vou pular a tela e brigar com o cara? Não. Aquela torcida chamava de tudo. “Nego” era barato perto do que eles diziam. Mas o que que eu ia fazer? Tinha, sempre teve. (OSCAR, 2021)

Episódios similares foram referendados pelos outros futebolistas que atuaram nos anos de 1980, 1990 e 2000, como foi o caso de Miro, que relatou que “acontece muito isso sim, já aconteceu bastante nos clubes aqui do interior, nos estádios do interior também, bastante, comigo e com outros atletas também” (MIRO, 2020). Cirilo, que atuou nas décadas de 2000 e 2010, fez um paralelo com o momento atual e ressaltou que não são os casos de racismo que estão aumentando, mas sim o questionamento a esses atos: “Eu escutei muito, escutei muito! [...] Infelizmente injúrias raciais e racismo sempre

---

Paulo, FBC Riograndense, Três Passos AC e SC Rio Grande. Fora do estado jogou nos clubes Iguaçu Agex FC (PR), Nacional FC (AM) e A. Rio Negro C. (AM), além de clubes da Austrália e da Guatemala. A entrevista durou aproximadamente 48 minutos e foi realizada por videochamada no dia 12 de novembro de 2020 (MIRO, 2020).

<sup>13</sup> Jeferson Cirilo Mesquita Martha (Cirilo) é natural de Pelotas (RS) e começou sua carreira profissional no GE Brasil (RS) em 2000. Jogou também em vários outros clubes do Rio Grande do Sul, como: GA Farroupilha, EC Inter SM, GE Sapucaense, SC Pelotas, Novo Hamburgo FC, GE Glória, SC São Paulo, entre outros. Em 2012 retornou ao GE Brasil e participou de toda a histórica campanha de 2013-2016 do clube, quando a equipe saiu da 2ª divisão do Campeonato Gaúcho e da 4ª Divisão do Campeonato Brasileiro (Série D) e chegou até a 2ª divisão do Campeonato Brasileiro (série B). Em 2017 encerrou sua carreira como jogador no GE Brasil e se tornou treinador das categorias de base do clube e em 2018 foi promovido a auxiliar técnico do elenco profissional, função que ainda exercia no momento da entrevista. A entrevista durou aproximadamente 52 minutos e foi realizada por videochamada no dia 06 de novembro de 2020 (CIRILO, 2020).

<sup>14</sup> Gilnei dos Santos Gomes (Ney Gaúcho) é natural de Rosário do Sul (RS) e iniciou sua carreira como futebolista profissional no SC Pelotas (RS) em 2004, após fazer parte das categorias de base do Grêmio FBPA (RS) e do Cruzeiro (RS). Também jogou em outros clubes, como: GA Farroupilha (RS), Luverdense EC (MT), Tubarão (SC) e Rio Branco (AC). Fora do país circulou pelo futebol chinês, alemão, turco e tailandês. Em 2014 encerrou sua carreira de futebolista no Rio Branco (AC) e se tornou treinador desse clube, conquistando o Campeonato Estadual do Amazonas de 2015. No momento da entrevista exercia a função de treinador do Maracaju AC (MS). A entrevista durou aproximadamente 80 minutos e foi realizada por videochamada no dia 05 de junho 2020 (NEY GAÚCHO, 2020).

existiram. Não é que agora está mais forte, agora a voz contra isso está maior, está mais forte. Essa que é a realidade” (CIRILO, 2020).<sup>15</sup>

Ney Gaúcho destacou um caso de ofensa racista que ele sofreu de torcedores do próprio clube, quando defendia o Grêmio Atlético Farroupilha, da cidade de Pelotas: “estávamos perdendo o jogo para o Guarani de Bagé, no primeiro tempo, e o pessoal que estava ali atrás do gol estava eufórico. Estavam xingando: ‘vamo, negão sem vergonha, tu tá me roubando, vamo macaco, tira essa bola’” (NEY GAÚCHO, 2020). Como Cirilo, Ney Gaúcho relatou também que o racismo não era menor nas décadas passadas. Ao contrário, para ele as ofensas raciais eram mais frequentes e explícitas: “Infelizmente no nosso estado, nas décadas de 1990, 2000, era comum. Racismo não era considerado crime. Então tu ir no estádio e chamar o cara de ‘macaco’, ‘criolo’, ‘negão’ era a coisa mais natural” (Idem).

Essas narrativas de diferentes momentos históricos somadas às denúncias atuais de racismo no futebol brasileiro, citadas na introdução deste artigo, evidenciam que o nosso futebol nunca foi um lócus apenas de injúrias raciais dissimuladas, característico do racismo à brasileira (DAMATTA, 1981; 1994). O universo do futebol brasileiro também foi e ainda é palco do racismo explícito e violento que atualmente é tipificado como crime.

No entanto há uma tendência no meio futebolístico de minimizar os episódios de racismo, tratando-os como expressões momentâneas, que seriam desencadeadas pela emoção e pelo “calor do jogo”, postura que traz para o futebol um discurso, que circula pela sociedade em geral, de não se levar adiante a denúncia do racismo, de “deixar de lado” (SCHWARCZ, 2001, p. 56). Somam-se a isso as penas irrisórias e a cultura futebolística de que “tudo que acontece dentro de campo deve ficar em campo” (TONINI, 2020, p. 746). Tudo isso têm feito com que pouco se avance no combate ao racismo no futebol brasileiro.

---

<sup>15</sup> Perante a lei a diferença principal é que enquanto na injúria racial a ofensa é direcionada a um indivíduo específico e tem penas menores, entre um e três anos de reclusão, que normalmente acabam convertidas em multas, no crime de racismo a ofensa é contra uma coletividade, por exemplo, toda uma raça, e as penas são mais severas, inclusive prisão de até cinco anos. Maiores considerações, ver: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/educacao-semanal/injuria-racial-x-racismo>. Acesso em: 13/09/2022.

Por outro lado, se considerarmos a tese de Elias e Dunning (1992) de que o Esporte Moderno é uma possibilidade para melhor lidarmos com as nossas emoções, as expressões manifestas no calor das emoções futebolísticas são, na verdade, uma evidência lastimável de que a sociedade brasileira incorpora no conjunto o racismo como uma prática balizadora das relações sociais entre diferentes grupos. Afinal, como lembrou Santos (1984, p. 41), “o preconceito racial, zelosamente guardado, vem à tona, quase sempre, em um momento de competição”, momento cujo valor do competir é também o de conjugar o esportista às (des)classificações socialmente delegadas a ele conforme seu pertencimento, seja étnico-racial ou de gênero/sexualidade.

As memórias dos narradores evocaram um vocabulário variado de ofensas raciais. Uma das expressões mais utilizadas pelos torcedores foi a palavra “macaco”, cujo uso na nossa linguagem e cultura remete às concepções racialistas presentes no Brasil até 1930, as quais advogavam que a raça negra, se comparada à raça branca, possuía uma inferioridade biológica (ORTIZ, 1985; SCHWARCZ, 1995). Apesar de essas teses terem sido totalmente superadas nos campos científico e acadêmico desde os anos de 1950 (HOFBAUER, 2006), o uso da expressão “macaco” remete a esse ideário extremamente racista.

Também foram lembradas outras expressões racistas. Cirilo salientou que “um que eles gostavam muito de chamar, anos atrás, era ‘Lafond’. ‘A, Lafond, Lafond’” (CIRILO, 2020). O uso pejorativo do nome de Lafond, recordado pelo ex-futebolista, refere-se ao ator Jorge Lafond, que na década de 1990 ganhou popularidade ao interpretar uma personagem negra transexual chamada Vera Verão<sup>16</sup> no programa A Praça É Nossa, no canal de TV SBT.

Ofender um futebolista negro com um termo que se refere a uma personagem transexual negra traz em si uma discriminação concomitante de raça e de gênero, o que alerta para a importância de estudos que abordem também outros marcadores sociais de discriminação, como gênero, classe

---

<sup>16</sup> JORGE LAFOND. **Museu da TV**. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografia/jorge-lafond/>. Acesso em: 28/04/2021.

social e geração. Uma possibilidade teórica para estudos dessa natureza é a perspectiva das interseccionalidades.<sup>17</sup>

A associação de termos racistas com termos homofóbicos continua sendo uma característica do futebol gaúcho e brasileiro também no século XXI. Bandeira e Seffner (2016), ao analisarem os jogos do Grêmio e do Santos que ocorreram após o episódio de discriminação racial do goleiro Aranha, identificaram que alguns torcedores do Grêmio constantemente utilizaram de maneira pejorativa a expressão “viado” para desqualificar o jogador. Ou seja, se ofensas racistas geraram punições ao clube, a estratégia passou a ser fazer ofensas homofóbicas, ainda sem legislações mais restritivas.

Os descendentes de imigrantes europeus possuem uma presença marcante na constituição do Rio Grande do Sul, sendo mais intensa em certas cidades ou regiões do estado. Alguns dos nossos entrevistados destacaram que nessas cidades pareciam ocorrer mais casos de racismo:

Quando eu fui para Três Passos eles falavam: “negro, veio roubar nosso dinheiro?” [...] Logo que eu cheguei na cidade eu fui hostilizado, eu e meus companheiros, me chamando de negro, de “schwarz” como eles falam lá em Alemão. [...] O próprio torcedor mesmo, às vezes, ao invés de incentivar a equipe ofendia o próprio atleta da sua equipe. (MlytRO, 2020).

Três Passo está situada no noroeste do Rio Grande do Sul e tem uma presença significativa de imigrantes alemães. Cirilo e Miro também lembraram da Serra Gaúcha, região com grande presença de descendentes de imigrantes alemães e italianos, como uma das localidades do RS em que era comum ouvirem ofensas e xingamentos raciais.

Parte da herança racista específica dessas regiões remonta ao processo de colonização no estado durante o período do Império. Nessa época a valorização da chegada dos imigrantes, subsidiada pelo Estado brasileiro, deu-se acompanhada de uma ideologia racista que visava ao branqueamento populacional, então concebida como uma estratégia de caráter eugenista

---

<sup>17</sup> Principalmente a partir dos anos 1990, parte dos estudos de discriminação racial ressaltam a importância da perspectiva das interseccionalidades, conceito que enfatiza articulação de distintas categorias discriminatórias, como gênero, raça e classe social (PISCITELLI, 2008). Para Akotirene (2018, p. 54), “o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras”.

considerada “necessária” para o desenvolvimento do país, que anteciparia processos de mudança na ordem econômica mundial e local cuja agência escravista seria incompatível (ORTIZ, 1985; GUIMARÃES, 2004).

Leite (1992) ressalta que processo de imigração europeia (principalmente de alemães, italianos e poloneses) em Santa Catarina ajudou a criar um ambiente de invisibilização da população negra naquele estado. Ainda que a figura idealizada do Gaúcho da Campanha, ligado ao cavalo e à lida do gado, seja mais forte para a identidade gaúcha que a figura do imigrante europeu (OLIVEN, 1992), várias cidades do Rio Grande do Sul realizaram um processo de imigração europeia similar ao de Santa Catarina. Tal questão pode ajudar a explicar a invisibilização da cultura negra nas memórias e, principalmente, na historiografia oficial do estado por meio de um apagamento do trabalho do negro, seja durante a escravidão ou após a liberdade, e de uma exaltação exagerada do trabalho do imigrante europeu (MAESTRI, 1994).<sup>18</sup>

### **Racismo estrutural no sistema futebolístico**

Resultado das relações sócio-históricas que constituíram e constituem nossa sociedade, o racismo no futebol brasileiro é sistemático e ultrapassa as ofensas racistas. Como assinala este estudo, há um leque de questões raciais/futebolísticas na historiografia e na atual estrutura do sistema futebolístico brasileiro.

Um indício disso é a pequena presença de treinadores e dirigentes negros nos maiores clubes brasileiros. Em 2019, por exemplo, dos vinte clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, somente dois tinham treinadores negros<sup>19</sup> e nenhum negro estava na presidência desses vinte clubes. Além

---

<sup>18</sup> Como um exemplo ilustrativo das controvérsias raciais presentes na tradição do RS citamos aqui a manifestação dos cinco vereadores negros de Porto Alegre, que no dia de suas posses (janeiro de 2021) permaneceram sentados durante a execução do Hino do Estado, um ato de protesto ao verso deste: “povo que não tem virtude acaba por ser escravo”, que associa a escravidão a uma ausência de virtude do escravo. Posteriormente, mais de 590 historiadores do estado publicaram um manifesto em apoio ao protesto dos vereadores. Para mais detalhes sobre esse episódio, ver: <https://sul21.com.br/opiniao/2021/01/manifesto-de-historiadoras-e-historiadores-a-respeito-do-hino-do-rs-e-o-racismo-e-em-apoio-a-bancada-negra-de-vereadores-de-porto-alegre/>. Acesso em: 09/09/2022.

<sup>19</sup> Roger Machado, no E. C. Bahia, e Marcão, no Fluminense F. C.

disso, nas vinte e sete federações vinculadas à CBF (Confederação Brasileira de Futebol), também não havia presidente negro algum (PIRES, 2019).

Sobre essa situação, Cirilo (2020) destacou: “eu não sei se é uma questão racial. [...]. Muitos atletas negros se destacam, mas depois de parar de jogar eles preferem não continuar na área técnica”. Ney Gaúcho (2020), por sua vez, acredita que há oportunidades também para os negros: “eu particularmente analiso que as oportunidades hoje para o negro ou para qualquer outro treinador são conquistas. Se tu ganha tu vais subindo. [...] tu só serves se tu ganhar. Infelizmente é assim”.

PC (2020), no entanto, enfatizou que:

Nós temos que ter um pouquinho a mais, algo a mais. Se você fizer um cálculo, quantas equipes têm no campeonato brasileiro e quantos treinadores negros têm? Pouco né? Eu acho que hoje atuando no campeonato brasileiro acho que não tem nenhum. [...] o Roger<sup>20</sup> caiu. As oportunidades são diferentes. [...] Nós que convivemos sabemos que é diferente. É muito difícil um treinador negro entrar no mercado. Porque é isso que eu te falei: nós temos que provar todos os dias, “matar um leão por dia”, como a gente fala na gíria do futebol. [...] E a gente torce muito para que um dia a gente consiga ter o mesmo espaço que o treinador branco. Qualidade a gente já provou que tem, mas falta oportunidade. Porque é aquilo né, o olhar é diferente: “como é que eu vou botar esse pretinho que saiu lá de baixo pra comandar o meu time?”. O nome tem que ser muito maior. Então para o treinador negro pegar um status, é complicado. (PC, 2020)

Miro (2020) lembrou de casos de ex-futebolistas negros que enfrentaram dificuldades nessa área: “O Andrade<sup>21</sup> foi campeão Brasileiro e depois nunca mais trabalhou. Sobre o Tinga,<sup>22</sup> cada um tem o cabelo que quer, o que importa é ser um bom profissional, coisa que eu acredito que ele seja”.

---

<sup>20</sup> O Roger citado pelo narrador é o ex-futebolista Roger Machado Marques, que atualmente segue a carreira de treinador. Em outubro de 2019, na coletiva de imprensa após a partida entre Bahia e Fluminense, únicos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro treinados por negros naquele momento, Roger fez uma importante fala sobre o racismo estrutural no futebol brasileiro. No momento da entrevista (outubro de 2020) ele estava sem clube, por ter sido demitido do Bahia no mês anterior.

<sup>21</sup> Jorge Luís Andrade da Silva foi Campeão Brasileiro como treinador do C. R. Flamengo em 2009 e meses depois, após perder a final do campeonato estadual, foi demitido, mesmo classificado para as Oitavas de Final da Copa Libertadores da América. Após deixar o Flamengo ele não recebeu proposta das principais equipes do futebol brasileiro. Assim, seguiu sua carreira no Brasiense e, antes de encerrá-la, treinou o Paysandu (LIMA, s.d.)

<sup>22</sup> Paulo César Fonseca do Nascimento (Tinga), em uma entrevista em que se candidatou para uma vaga de executivo de futebol no Cruzeiro E. C., ouviu do entrevistador que ele era qualificado, mas que deveria cortar o cabelo (Tinga tem um cabelo comprido, com dreads). O relato foi feito no episódio 4 do documentário *O Negro no Futebol Brasileiro*, da HBO.

Muitos brasileiros acreditam que só existe racismo quando há um confronto ou uma discriminação explícita, ideia que pode explicar porque alguns narradores não identificaram a existência de racismo na área técnica. Todavia o racismo também “é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares” (ALMEIDA, 2019, p. 33).

O racismo estrutural provavelmente é uma das causas do preconceito com os negros nas funções de treinador e de dirigente, e essa situação não será superada somente com a denúncia e a judicialização de casos explícitos de discriminação, pois “não se pode fazer leis para lutar contra um preconceito. Fazem-se as leis para lutar contra os comportamentos discriminatórios concretos. Isto significa que o subsolo infernal do preconceito racial escapa, por princípios, ao tipo jurídico da ação antirracista” (MUNANGA, 1998, p. 48).

Ao caracterizar as conformações do racismo na sociedade brasileira, Sansone (2003) propôs a existência de “áreas duras, ou pesadas”, com alta intensidade de racismo, e “áreas leves, ou moles”, com um racismo mais ameno. Entre as áreas duras estariam, por exemplo, o casamento, o trabalho e a interação com a polícia, e entre as áreas leves o carnaval, as torcidas de futebol e os clubes esportivos.

Talvez essa distinção possa ser compreendida como um recurso explicativo ou interpretativo às diferentes formas de manifestação do racismo, porque tanto na vida subjetiva como na objetiva das pessoas que sofrem tal processo a dor, em maior ou menor intensidade, produz marcas que atravessam gerações; marcas que sob a forma de estigma são de complexas desconstruções.

Helal e Gordon Júnior (1999) pontuaram que o futebol brasileiro ao longo do século XX teria se deslocado do campo das “áreas duras” para as “áreas moles”, todavia essa premissa do futebol estar situado em uma zona de racismo menos intenso foi contestada por Tonini (2010), que entrevistou vários treinadores negros e identificou várias barreiras para o ingresso e a permanência de negros nessa área de atuação.

Abrahão (2020) também identificou a complexidade da relação entre os negros e o futebol brasileiro. Segundo o autor, coexistem dois movimentos contraditórios nessa área: a inclusão, expressa pela significativa presença e

pelo protagonismo dos negros nos elencos dos principais clubes de futebol do país; e a exclusão, que se manifesta por meio das ofensas raciais proferidas nos momentos de conflito dentro de campo e, principalmente, da concepção de que existe um lugar destinado ao negro no futebol brasileiro, o de jogador.

Dentro dessa lógica, a superioridade do negro para as funções corporais indicaria perversamente uma suposta inferioridade para as funções racionais, e esse pensamento racista é que estaria ocasionando a prática por parte das diretorias dos clubes de conferir poucas oportunidades a treinadores e dirigentes negros cuja função, *a priori*, exige uma racionalidade técnica que transcende habilidades físico-motoras. Ao mesmo tempo, esses profissionais estariam no lugar privilegiado da tomada das decisões, sendo um espaço de poder que se abriria para aqueles cujos lugares sociais estão racialmente predestinados. Ainda que se tenha grandes talentos e salários, o campo das decisões, dos dirigentes, em analogia, se veicula às normas de uma sociedade regida por lógicas binárias entre corpo e mente, concepção e execução, razão e emoção, etc.

Nesse contexto, é possível pressupor que o racismo estrutural se manifesta de diferentes formas de acordo com os papéis ou as funções que compõem o atual sistema futebolístico,<sup>23</sup> ou seja: é provável que o racismo que vigora dentro de campo seja distinto do racismo existente nas funções de treinador, de dirigente, de diretor e de presidente de clubes, as quais parecem estar mais sucessíveis a um racismo silencioso e dissimulado, só identificado a partir das poucas oportunidades oferecidas aos negros nessas funções.

Essas especificidades do racismo na área técnica e executiva demandam estratégias diferentes para combatê-lo. Políticas de ações afirmativas, como as que vêm sendo realizadas pelas ligas de futebol profissionais da Inglaterra, parecem ser um caminho possível para reduzir essa desigualdade (GOUSSINSKY, 2020). Cabe ressaltar que tais ações são respostas a um conjunto de pressões políticas que advém de setores da sociedade organizada que denunciam veementemente a discriminação que ocorre nos estádios como parte de uma complexa engenharia racial que é disforme em relação aos lugares, aos tempos e aos modos de atuação. Enfim,

---

<sup>23</sup> Rial utiliza o conceito de sistema futebolístico para definir um campo amplo que engloba o “campo futebolístico”, propriamente, o “campo jornalístico” e o “campo econômico” (RIAL, 2008).

o princípio básico das ações afirmativas sob a forma de cotas, ou não, em qualquer lugar em que estas se impõem enquanto necessidade está vinculado à reparação das violências raciais, sejam elas simbólicas ou físicas.

Oscar (2020) ressaltou que a classe social do futebolista negro é outro componente que o exclui de algumas funções do futebol: “O cara hoje para ser presidente de um clube tem que roer, tem que ter um poder aquisitivo”, então, prosseguiu ele, “um presidente negro você pode encontrar nesses clubes menores, mas nesses clubes mais ricos já não vão pegar” (Idem). Enfim, à raça/cor está atrelada toda uma lógica de alocação de prestígios, sejam econômicos, morais, estéticos, que destituem, conduzem ou correspondem, inevitavelmente, a determinados postos/cargos, e, na lógica das áreas moles ou duras (SANSONE, 2007), o sistema de desvantagem em torno da raça se reproduz como hegemônico.

Ainda sobre alguns efeitos produzidos pela condição socioeconômica de cada indivíduo, PC (2020) fez referência às possíveis diferenças salariais que ainda existem entre futebolistas brancos e negros, principalmente no começo de carreira:

Como o jogador branco já tem um histórico familiar melhor, ele tem a oportunidade de pedir coisas melhores. E para o cara que não tem, o pouco está bom. Eles pensam: “o negrão está aqui, está parado, eu preciso dele, mas está parado, então vou oferecer 3 mil e ele vai vir”. Daí o branco diz: “não, por 3 mil eu não vou”. Porque ele tem condições de se manter. O preto pensou: “por 3 mil vou ir, é melhor pegar 3 do que não pegar nada”. Essa é a diferença. (PC, 2020)

Ao salientar a interferência da condição socioeconômica dos indivíduos, essas narrativas reforçam a premissa de que classe e raça são dois componentes correlatos nas práticas de exclusão da sociedade brasileira e o futebol não foge à regra. Assim sendo, qualquer redução do racismo a um problema meramente de ordem econômico deixa um hiato na forma como tal fenômeno deve ser apreendido e analisado. Estudos como o de Haselbalg (2005) analisaram brancos e negros com as mesmas condições socioeconômicas iniciais e demonstraram que, devido ao racismo, os negros têm mais dificuldades de ascensão social, portanto classe e raça são dois elementos importantes para entender a desigualdade social brasileira

(ALMEIDA, 2019), e no sistema futebolístico eles também se entrecruzam e se condicionam mutuamente.

### **Além dos estádios: o racismo no dia a dia**

Os ex-futebolistas entrevistados também relataram episódios de racismo vivenciados em seus cotidianos. Miro (2020) ressaltou que “a gente sofre isso diariamente. É só tu ir num supermercado, ir numa loja, que os olhares são sempre diferentes para ti”. Cirilo (2020), que reside na mesma cidade que Miro, Pelotas (RS), lembrou de duas memórias específicas:

Quem é mais envolvido com futebol me conhece. Quem não é tanto, não me conhece. [...] eu estava indo em direção ao clube a pé, e vinham vindo duas mulheres na mesma calçada que eu. Conforme eu fui me aproximando elas foram para o meio da rua, seguiram pelo meio da rua. Nítido ali que foi medo. Não vamos dizer que foi racismo, foi medo. Aí eu passei e elas voltaram de novo para a calçada e seguiram. Isso aí acontece. Uma vez também eu estava na padaria. Só podia entrar uma pessoa. Estava eu e minha esposa. Eu fiquei na porta. Eu estava com uma camisa preta. Aí chegou uma senhora perguntando que horas que abria e se tinha um... perguntou o nome de um salgado lá. Ela achou que eu fosse o segurança da padaria. Ainda pensei, menos mal que ela achou que eu fosse o segurança, não fosse assaltar. (CIRILO, 2020)

PC (2020) recordou-se de quando entrou em um clube na cidade de Rosário do Sul/RS e lhe perguntaram o que ele estava fazendo ali. Ao responder que estava ali como todos os outros, ouviu: “tu não podes estar aqui, porque aqui é só branco”. Explicando o acontecido, ele acrescentou: “Entendeu? Tu és sócio do Comercial. O Comercial aqui, na época, era o clube da elite. E daí tu já viu, como que um preto ia ser sócio do Clube Comercial, como que um preto ia ter o dinheiro” (Idem). Essas memórias remetem a uma especificidade do contexto do interior do Rio Grande do Sul, a existência de clubes culturais negros e até clubes negros de futebol (MACKEDANZ et al., 2021; MACKEDANZ; RIGO, 2021), resultado de processos de racialização historicamente intensos. Clubes sociais de brancos e clubes sociais de negros são mostras do quanto a segregação dos espaços de lazer/diversão foram uma realidade. E o presente relato de PC (2020) indica que ainda hoje essa situação perdura e é campo de estudos, principalmente com enfoque dos clubes negros como espaços de resistência. O futebol também produziu e

hoje, na democratização do esporte, continua a produzir outras formas de resistir.

Essas lembranças de racismo que permanecem nas memórias dos narradores evidenciam que o Brasil está longe de ser o país da democracia racial. Guimarães (2005) observa que, apesar da tese do racismo biológico já ter sido superada pela ciência, conforme discussão já realizada, continuamos sofrendo os efeitos do racismo no tecido social brasileiro, porque “se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e identificar que orientam as ações humanas” (Ibid., p. 67).

Apesar disso, muitos futebolistas negros, brasileiros e não brasileiros, fazem do futebol uma ferramenta para resistir e/ou “driblar” essa realidade, como foi o caso de pelo menos cinco dos nossos seis narradores,<sup>24</sup> que apontaram para a aquisição de um *status* que, em alguma medida, produz alguns níveis de reconhecimento e “ergue” a autoestima com alguns limites que serão reconhecidos, mais abaixo, por um desses narradores. Sobre isso, PC (2020) lembrou que:

Eu vendia pastel. E eu me sinto orgulhoso de hoje ser um professor, de poder ter tido uma faculdade, que meus irmãos não puderam ter, porque tinham que trabalhar para ajudar a mãe, a família. Através do futebol consegui isso. Porque o futebol te dá um status maior, porque tu és reconhecido na sociedade [...]. Aqui na minha cidade eu sou conhecido como jogador. O professor, o futebol, ele joga muito. Porque o futebol nos deu o direito de tu chegar num lugar de cabeça erguida. (PC, 2020)

Ney Gaúcho (2020) também identificou o futebol como um instrumento de ascensão social: “o futebol te leva, à medida que tu vais ganhando fama, ele vai abrindo portas [...]. E eu posso te dar uma experiência própria minha, lá no Rio Branco do Acre, eu tinha acesso a conversar com o governador do Estado, porque ele era torcedor do clube”.

---

<sup>24</sup> A única narrativa que destoou dessa interpretação foi a de Oscar Conceição (2021), mas por um motivo bem específico: ele veio para Rio Grande (RS) para trabalhar na Marinha e subiu na hierarquia até se tornar suboficial, carreira que já lhe conferiu maior *status* social na cidade que o conquistado como futebolista.

Mesmo reconhecendo as possibilidades de ascensão social oportunizadas pelo futebol, como salientaram nossos narradores, é importante ressaltar que a grande maioria que tenta seguir a carreira de futebolista não consegue sequer alcançar a profissionalização, e, dos que conseguem, muitos recebem um salário que não os possibilita uma ascensão de classe social.<sup>25</sup>

Miro (2020) também ressaltou que o futebol lhe permitiu acesso a outros espaços sociais: “a gente passa a ser bem recebido nos lugares, as portas já se abrem com mais facilidade”. Entretanto ele lembrou que essa ascensão é apenas individual. Mas, ele espera que a “com a educação a gente consiga mudar tudo isso”.

Como Miro, Ney Gaúcho e Bira também reportaram a educação como a melhor estratégia: “infelizmente isso é falta de educação” (NEY GAÚCHO, 2020). “Existe alguma forma na lei que ensina que não é assim, ensina que tu não podes insultar um ser humano desta forma” (BIRA, 2020).

Sobre as possibilidades de se viabilizar uma educação antirracista, Munanga (2005, p. 19) lembra que não basta um maior acesso à escolarização, é necessário “inventar técnicas e linguagens capazes de superar os limites da pura razão e de tocar no imaginário e nas representações. Enfim, capazes de deixar aflorar os preconceitos escondidos na estrutura profunda do nosso psiquismo”.

Para efetivamente enfrentar o racismo faz-se necessário compreender que, tanto na manifestação individual quando na coletiva, na sua demonstração implícita ou explícita, o racismo provém das estruturas que sustentam esse Brasil de herança colonial.

Nesse sentido, Almeida (2019) salienta que o enfrentamento desse racismo estrutural requer a instituição de políticas sociais e ações afirmativas que viabilizem mudanças estruturais de médio e longo prazo.

Além disso, é necessária uma educação com um olhar voltado ao antirracismo, tal como propõe a Lei 10.639/2003, que estabelece como princípio orientador o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica.

---

<sup>25</sup> Para maiores considerações sobre as principais dificuldades e a baixa probabilidade de conseguir se tornar um futebolista profissional no contexto brasileiro, ver: Paoli (2007), Rigo et al. (2018).

## Conclusão

O uso da História Oral possibilitou instituir maior visibilidade às memórias de ex-futebolistas negros que atuaram nos gramados do interior do Rio Grande do Sul em uma época em que o sistema futebolístico brasileiro tendia a minimizar e naturalizar o racismo.

A pesquisa apontou que, apesar de o racismo ter sido vivenciado em todas as regiões do Rio Grande do Sul, em algumas cidades em que a população era predominantemente branca e constituída por descendentes de europeus (alemães, italianos, poloneses etc.) os discursos e as práticas racistas, eram mais frequentes e intensos.

As lembranças dos nossos narradores evidenciaram que eles costumavam ir jogar nessas cidades preparados para “aceitar”, “conviver” e não revidar os xingamentos, as provocações e os discursos racistas que ocorriam dentro e fora de campo, principalmente porque na época o racismo não era crime e tampouco passível de punições no campo futebolístico.

Essas lógicas culturais racistas, que na época eram consideradas provocações típicas do futebol, ajudaram a instituir certa naturalização do racismo no universo futebolístico do Rio Grande do Sul e brasileiro. Resquícios dessa naturalização aparecem ainda hoje nos discursos que amenizam ou negam episódios de racismo no futebol.

Algumas narrativas relacionaram o racismo com classe social e/ou homofobia, evidenciando a pertinência e a necessidade de estudos que investigam o racismo futebolístico entrecruzando raça, gênero e classe social.

As memórias dos nossos narradores apontaram que o futebol se tornou uma possibilidade de carreira profissional para muitos futebolistas negros das classes populares também no Rio Grande do Sul. Um lugar conquistado a partir de tensionamentos raciais e relações de poder instituídas entre um futebol que incluía e outro que segregava. Entre um futebol popular e outro que reproduzia maculas de um futebol branco e elitista, que lembravam o futebol do começo do século XX.

Apesar das conquistas oriundas de uma maior inclusão dos futebolistas negros, o racismo ainda é uma realidade no futebol brasileiro, o qual se manifesta por meio tanto das ofensas racistas proferidas pelos

torcedores quanto das estruturas do sistema futebolístico brasileiro, que exclui os negros das posições de treinador e de dirigente dos clubes.

### Referências bibliográficas

ABRAHÃO, B. O. de L. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. Doutorado, UGF, Rio de Janeiro, Brasil, 2010.

ABRAHÃO, B. O. de L. O “racismo à brasileira” no futebol. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2020.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. [3ª Ed.].

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando 2018.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 22, nº 3, 2016. pp. 985-998.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012. [8ª Ed.].

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, **Diário Oficial da União**, 2003.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. **Motriz**, Rio Claro, vol. 15, nº 4, 2009. pp. 741-748.

CORREIA, J. M. *et al.* A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echo do Sul (1900-1916). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, vol. 42, nº 1, 2020.

DAMATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia estrutural**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997. [6ª Ed.].

DAMATTA, R. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, nº 22, 1994. pp. 10-17.

- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FERNANDES, F. **Integração do Negro na sociedade de classes**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1965.
- FLORENZANO, J. P. A cerimônia do adeus: “a nação traída” (I parte). **Ludopédio**, São Paulo, vol. 123, n° 5, 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-cerimonia-do-adeus-a-nacao-traida-parte-1/>. Acesso em: 22/02/2021.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Nova veja, 2009. [7ª Ed.].
- FREYRE, G. **Casa-grande y senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo, Global, 2003. [48ª Ed.].
- GIGLIO, S. S. et al. “Do céu ao inferno”: a história de Baiano no Boca Juniors e os racismos no futebol. **Projeto História**, São Paulo, n° 49, 2014. pp. 259-292.
- GOUSSINSKY, E. Futebol inglês cria 'cota' para incluir técnicos negros e de minorias. **R7**, 01/07/2020. Disponível em: <https://esportes.r7.com/futebol/futebol-ingles-cria-cota-para-incluir-tecnicos-negros-e-de-minorias-01072020>. Acesso em: 08/06/2021.
- GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no brasil, **Rev. Antropol.**, São Paulo, vol. 47, n° 1, 2004. pp.09-43.
- GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005. [2ª Ed.].
- GUTIERREZ, E. J. B. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Doutorado, PUCRS, Porto Alegre, 1999.
- HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. [2ª Ed.].
- HELAL, R.; GORDON JÚNIOR, C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 13, n° 23, 1999, pp.147-165.
- HOFBAUER, A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- HOLLANDA, B. B. B. de. Futebol, memória e relatos orais: a trajetória de ex-jogadores da Seleção Brasileira e as narrativas memorialísticas das Copas do Mundo FIFA 1954-1982. **Revista História Oral**, Rio de Janeiro, vol. 20, n° 1, 2017. pp.101-123.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>. Acesso em: 18/05/2020.

JORGE LAFOND. **Museu da TV.** Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografia/jorge-lafond/>. Acesso em: 28/04/2021.

LEITE, I. B. **Negros no Sul do Brasil:** invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LIMA, V. “É muito difícil escapar”: Campeão brasileiro de 2009, Andrade discute racismo, Libertadores e Jesus. E avisa: “Acabou isso de cheirinho”. **Uol Esporte**, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/andrade-ultimo-tecnico-negro-campeao-brasileiro-se-voce-parar-para-pensar-nao-tem-diretor-negro/>. Acesso em: 11/01/2023.

LISE, R. S. et al. O caso Tinga: análise de (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano. **Pensar a Prática**, Goiânia, vol. 18, nº 4, 2015. pp.821-833.

LONER, B. A. **Classe Operária – Mobilização e Organização em Pelotas:** 1888-1937. Doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 1999.

MACKEDANZ, C. F. **Racismo “nas quatro linhas”:** os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). Mestrado, UFPEL, Pelotas, 2016.

MACKEDANZ, C. F. et al. O Negro no Futebol Brasileiro. **Revista Licere**, vol. 24, 2021. pp. 147-172.

MACKEDANZ, C. F.; RIGO, L. C. “Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930). **Cadernos de História**, Belo Horizonte, Dossiê do Esporte, 2021. No Prelo.

MACKEDANZ, C. F. et al. Liga de Futebol José do Patrocínio (1919-1936): Um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense. **Projeto História**, São Paulo, vol. 70, 2021, pp. 235-260.

MAESTRI, M. O negro e o imaginário étnico gaúcho. In: Universidade de Santa Cruz do Sul. (Org.). **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 1994. pp. 129-140.

MAGALHÃES, M. O. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul:** um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: EdUFPEL: Livraria Mundial, 1993.

MBEMBE, A. **Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N'Edições, 2018.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1998. [2ª Ed.].

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2013. [2ª Ed.].

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral:** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTENEGRO, A. T. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTENEGRO, A. T. Invenção do Olhar. In: SIMSON, O. R. (Org.). **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: CMU/Unicamp, 1997. pp. 197-211.

MUNANGA, K. Teorias sobre o racismo. **Estudos & Pesquisas**, Rio de Janeiro, vol. 4, 1998, pp. 43-67.

MUNANGA, K. **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC-SECAD, 2005. [2ª Ed.].

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestões de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, vol. 19, nº 1, 2006, pp. 287-308.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

O NEGRO no Futebol Brasileiro. Direção de Gustavo Acioli. Brasil: HBO, 2018. 4 episódios.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. Doutorado, UGF, Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Doutorado, UNICAMP, Campinas, 1998.

PIERSON, D. **Branços e pretos na Bahia**. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

PIRES, B. Um olhar antirracista sobre o futebol. In: OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **6º Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2019.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, vol. 11, nº 2, 2008, pp. 263-274.

RIAL, C. S. Rodar: A Circulação dos Jogadores de Futebol Brasileiro no Exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol. 14, nº 30, 2008. pp. 21-65.

RIGO, L. C. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

RIGO, L. C. et al. Formação de jogadores de futebol em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. **Movimento**, Porto Alegre, vol. 24, nº 1, 2018. pp. 263-274.

SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade:** o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: Ed. UFBA; Rio de Janeiro, Pallas, 2003.

SANTOS, J. A. dos. **Liga da Canela Preta:** a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

SANTOS, J. R. **O que é racismo.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTOS, S. A. dos. Mídia e o “caso Tinga” no Peru: um novo paradigma de representação das relações raciais na televisão brasileira? **Revista da ABPN**, vol. 6, nº 13, 2014. pp. 273-299.

SCHWARCZ, L. K. M. Nomeando as diferenças: a construção da ideia de raça no Brasil. In: VILLAS BOAS, G.; GONÇALVES, M. A. (Orgs.). **O Brasil da virada do século:** o debate dos cientistas sociais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

SCHWARCZ, L. K. M. **Racismo no Brasil.** São Paulo: PubliFolha, 2001.

SOUZA, D. A. de. **Mário Filho e o messianismo de Pelé (1958-1966).** Ludopédio, São Paulo, vol. 123, nº 12, 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/mario-filho-e-o-messianismo-de-pele-1958-19661a-parte/>. Acesso em: 22/02/2021.

SOUZA, M. T. O. S. et al. Injúria racial no futebol brasileiro: uma análise sócio-histórica de alguns casos (não tão) esporádicos ocorridos nos últimos anos. **Motrivivência**, Florianópolis, vol. 27, nº 46, 2015. pp. 230-240.

TONINI, M. D. **Além dos gramados:** história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). Mestrado, USP, São Paulo, 2010.

TONINI, M. D. **Dentro e fora de outros gramados:** histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu. Doutorado, USP, São Paulo, 2016.

TONINI, M. D. “Essa é uma realidade”: os racismos vividos e narrados por negros em várias áreas de atuação no futebol brasileiro. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. **O futebol nas ciências humanas no Brasil.** Campinas: Editoria da Unicamp, 2020.

TORRES, L. H. A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra. **Biblos**, Rio Grande, vol. 22, nº 1, 2008. pp. 10-117.

## **Entrevistas**

Claudiomiro Vargas Coelho (Miro). Christian Ferreira Mackedanz. 11/2020.

Oscar Conceição (Oscar). Christian Ferreira Mackedanz. 01/2021.

Gilnei dos Santos Gomes (Ney Gaúcho). Christian Ferreira Mackedanz. 06/2020.

Paulo Cesar de Freitas Leal (PC). Christian Ferreira Mackedanz. 10/2020.

Jeferson Cirilo Mesquita Martha (Cirilo). Christian Ferreira Mackedanz. 11/2020.

Ubiraci Souza de Souza (Bira). Christian Ferreira Mackedanz. 05/2020.